

**“CAVALEIRO DAS ARMAS ESCURAS”¹: ANÁLISE PSICOLINGÜÍSTICA DA
CAPACIDADE PERSUASIVA DE ADOLF HITLER
EM UMA DE SUAS PRÉDICAS POLÍTICAS**

**“KNIGHT OF DARK WEAPONS”²: PSYCHOLINGUISTIC ANALYSIS OF
ADOLF HITLER'S PERSUASIVE CAPACITY
IN ONE OF HIS POLITICAL SERMONS**

**“CABALLERO DE LAS ARMAS OSCURAS”³: ANÁLISIS
PSICOLINGÜÍSTICO DE LA CAPACIDAD PERSUASIVA DE ADOLF
HITLER EN UNO DE SUS SERMONES POLÍTICOS**

*Viviane Faria Lopes*²
Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, Brasil

*Thaís Hadassa Ferraz Ataídes*³
Universidade Estadual de Goiás (UEG), Goiás, Brasil

Resumo: O propósito principal desta pesquisa foi o de analisar a perícia de induzimento que os discursos dos nomeados psicopatas podem apresentar para convencer interlocutores. Tomando como objeto central de análise a prédica *A campanha de Socorro de Inverno*, proferida pelo ditador Adolf Hitler, avaliou-se tanto sua comunicação persuasiva, no uso hábil e intencional da linguagem, como a manipulação predatória vigente em tais sujeitos dissociais. Estudiosos da linguagem, bem como pesquisadores da mente humana, fundamentaram a perquirição feita, para promover uma análise psicolinguística que uma comunicação com intentos manipulativos podem promover sobre o comportamento dos receptores.

Palavras-chave: Linguagem. Discurso. Psicopatia.

Abstract: The main purpose of this research was to analyze the induction skill that the speeches of named psychopaths can present to convince interlocutors. Taking the dictator Adolf Hitler's *The Winter Relief Campaign* as the central object of analysis, we evaluated both his persuasive communication, in the skillful and intentional use of language, and the predatory manipulation in force in such dissocial subjects. Language scholars, as well as researchers of the human mind, grounded the inquiry made, to promote a psycholinguistic analysis that a communication with manipulative intentions can promote on the behavior of receivers.

Keywords: Language. Discourse. Psychopathy.

Resumen: El objetivo principal de esta investigación fue analizar la pericia de inducción que pueden presentar los discursos de los psicópatas para convencer a los interlocutores. Tomando como objetivo central de análisis el sermón *La campaña Winter Relief*, pronunciado por el dictador Adolf Hitler, se evaluó

¹ Verso do poema *Meu Sonho* (Azevedo, 2000).

² Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: thaishadassa27@gmail.com

³ Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: viviane.lopez@ueg.br

tanto su comunicación persuasiva, en el uso hábil e intencional del lenguaje, como la manipulación depredadora imperante en dichos sujetos disociales. Estudiosos del lenguaje, así como investigadores de la mente humana, apoyaron la investigación realizada para promover un análisis psicolingüístico de que una comunicación con intenciones manipulativas puede promover sobre la conducta de los receptores.

Palavras clave: Idioma. Discurso. Psicopatía.

Congresso Internacional do Medo

*Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio, porque este não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
Depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.*

Carlos Drummond de Andrade.⁴

1. INTRODUÇÃO

O filósofo iluminista Kant (Kant, 2003) pregou a respeito de princípios da moral, instigando os leitores, desde sua época à contemporaneidade, a refletirem tanto sobre os valores necessários ao convívio quanto sobre os impulsos que podem levar alguns a se desviarem deles. Dentre os desviantes mais contundentes, os psicopatas são considerados os transgressores que mais se afastam do que a razão constituiu como moral, pois agem com tanta crueldade e egoísmo que, diante de suas atitudes, chega-se a duvidar da existência de tal propensão para o mal, por desvincular-se da ética universal constituída.

Sabendo-se que uma manifestação comunicativa é, igualmente, ingerida por determinados eventos, como parte essencial do comportamento cultural e emocional, ponderou-se que a imagem ostentada pelo ditador contribuiu para sua influência linguística, enquanto expressão individual e influenciadora de sua forma de interação interpessoal. Por essa razão, esta pesquisa, referenciada em investigações

⁴ Poema de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), pertencente à obra **Sentimento de Mundo** (Andrade, 2012, p. 20), que foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

psicolinguísticas, teve por objetivo avaliar a capacidade de persuasão que uma pessoa com natureza psicopática possui, analisando sua influência comunicativa sobre outros. Para tanto, toma-se por alvo maior o dirigente que se encontra, por fatores históricos e sociais, em uma situação privilegiada de mando, como líder político e influenciador direto de milhares de pessoas. Em seleção específica, o protagonista designado foi Adolf Hitler (1889-1945).

A primeira seção, organizada em seguimento a este prelúdio, conceitua, nomeia e delimita características dos que possuem Transtorno de Personalidade Dissocial, e que são popularmente conhecidos como psicopatas, pois se tratam de sujeitos que usam com destreza as funcionalidades da linguagem para elaborar discursos que contribuem para o alcance de seus intentos, que sempre objetivam realizações egoístas e atrozes. Na segunda, com respaldo científico de estudiosos da linguagem e da cognição, apontam-se investigações feitas sobre a capacidade comunicativa, tomando as diversas habilidades de persuasão e manipulação que recursos linguísticos podem promover, bem como a interferência na composição cognitiva e, assim, podendo gerir o comportamento dos receptores. A seção terceira tomou o afamado ditador, Adolf Hitler, por personagem investigativo, para validar os estudos psicolinguísticos das partes anteriores, selecionando, para tanto, seu discurso *A campanha de Socorro de Inverno* – proferido em 1933 e 1941 –, e analisando os recursos psicolinguísticos utilizados pelo dirigente para convencer os alemães a agirem de modo desumano contra iguais – os judeus.

O método operante de indivíduos com esse distúrbio antissocial é carregado de uma retórica impecável, para cativar, convencer e conquistar o seus objetivos, não importando quais meios sejam necessários para os alcançar, de forma a desprezar a moral vigente e impor uma moral própria, conveniente a seus desejos particulares. Desse modo, como a história humana é tracejada por dirigentes que exemplificam essas condições, esta pesquisa entendeu que Hitler, considerado um dos mais atrozes, apontaria as marcas linguísticas para respaldar a análise proposta, já que se trata de um psicopata que usou da linguagem para persuadir a milhares e os induzir a realizarem atrocidades.

2. “ALMAS DESCRIDAS DO SONHAR PRIMEIRO”⁵

⁵ Verso do poema *Pedro Ivo* (ALVES, 1913).

Apesar de diversas pesquisas apontarem para a existência de uma índole sórdida que molda o ser humano (Dawkins, 2007), verificar tais apontamentos indecorosos existentes na construção psíquica e, conseqüentemente, no comportamento de uma pessoa marcada pela contravenção, vincula a composição linguística da história às sombras que provocam os que a ela leem, trazendo à luz a hipocrisia social que forma o comportamento pré-determinado e socialmente adequado. Todavia, certos valores, que integraram o homem em formato social de cooperação, mostram-se permanentes e, de igual modo, determinados julgamentos condenatórios a comportamentos que transgridem a integração promovida e que perduraram, apesar de tantos anos de história, imutáveis.

Em um prisma narrativo, Caim, filho primogênito do casal paradisíaco Adão e Eva, representaria uma atitude de transgressão violenta, já que foi homicida de seu irmão, Abel, sendo, inclusive, possível refletir que ele já trouxesse em si, como herança, a própria infringência dos pais, que violaram à lei superior e, assim, foram expulsos do Éden⁶. Tal família – considerada pela fé cristã a primeira da Terra – manifesta uma alegoria quanto à desobediência natural do ser humano, que, vivendo no ou fora do paraíso, carrega em si a violação aos preceitos estabelecidos pelos regedores. Esse parecer conduz à reflexão dos personagens biográficos ou ficcionais, enquanto representantes dos desejos transgressores carregados por cada ser humano, podendo ser herdados do pecado natural, para os crentes, ou, ainda, segundo Dawkins (2007), fazerem parte da composição cerebral de sobrevivência inerente à espécie. De qualquer forma, entende-se que as pessoas encerram em si – de modo mais explícito ou velado – ânsias que estão em desacordo com as leis prescritas, e que, transpô-las, acarretaria penalidades diversas, tanto físicas quanto morais.

Nos estudos de Kant (2003) é acentuado que, sobre a vontade humana, não incide apenas a razão, pois existem emoções, desejos e paixões – fatores naturais –, bem como inclinações pautadas pelo mundo material, fazendo com que o ser humano não siga apenas o julgamento lógico. Considera-se, também, que a influência da experiência, das emoções e das circunstâncias vivenciadas se encontram a direcionar as reações e a moldar o comportamento, contribuindo para que o indivíduo, inserido na coletividade, insurja-se ou adeque-se aos princípios apresentados, tendo suas impulsões a mediar a constante

⁶ *Bíblia Sagrada*, Livro de *Gênesis*, capítulos 3 e 4.

busca por um resultado que promova ou, ao menos, aproxime-se da realização de seus desejos (Dawkins, 2007). Ainda que fisiologicamente naturais, como registram os estudos de Dawkins (2007) e Raine (2015), as inclinações impetuosas e agressivas, expostas cotidianamente, desvelam intenções primitivas de sobrevivência por meio de ações que, todavia, transgridem a moral e o senso de empatia estabelecidos socialmente, de modo a descortinar uma crueldade infratora.

Não obstante, acreditar que todos os indivíduos que compõem o coletivo possam apresentar práticas sombrias e hediondas em algum momento de suas relações opera a favor de uma crença generalizada de que há uma bondade divina nos seres humanos, todavia, acidentalmente rompida por eventos calamitosos (Silva, 2014). As investigações psiquiátricas de Silva (2014), dessarte, constata que os seres humanos estão mais prontos a aceitar a corrupção dos escrúpulos de forma difusa, ainda que exígua, a considerar a existência, real e perturbadora, de sujeitos singularizados por permanente insensibilidade de compaixão e por absoluta inexistência da moral (Silva, 2014).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), os que trazem esse comportamento de transgressão excessiva possuem o Transtorno de Personalidade Dissocial, a saber, os popularmente nomeados psicopatas (OMS, 1993). Suas características abarcam uma abusiva violação da moral, continuamente direcionadas ao próprio benefício, porém, “desprovidas de sentimento de culpa, compaixão ou remorso” (Silva, 2014, p.11), já que “possuem uma visão narcisista e supervalorizada de seus valores e importância. Eles se veem como o centro do universo e tudo deve girar em torno deles” (Silva, 2014, p. 64). Raine (2015) pontua que, uma vez que venha planejar uma ação e tomar a decisão de a consumir, esse contraventor objetiva-se à busca de vantagens pessoais e/ou desejos de realização. Agindo de maneira fria e calculista, na pretensão por um deleite que se iguale a “experimentar prazer libidinoso” (RAINE, 2015, p. 93), o facínora, “quando seus desejos distorcidos tornam-se fortes demais para resistir, sai em busca de vítimas incautas. Sua excitação atinge o clímax com o sofrimento e a morte da vítima” (Schechter, 2013, p. 18).

Conforme mencionam os estudos de Vaugh & Howard (2005), a nomenclatura ‘psicopata’, juntamente à sua caracterização, surgiu a partir do trabalho de Hervey Cleckley⁷, chamado **The Mask of Sanity** (Cleckley, 1988). A obra do Dr.

⁷ (1903-1984) Psiquiatra norte-americano e pioneiro nos estudos da psicopatia.

Cleckley em questão fornece um retrato clínico sistemático do quadro da psicopatia, apresentando uma lista célebre de dezesseis características do indivíduo que traz esse transtorno, a saber: charme superficial e boa inteligência; ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional; ausência de nervosismo e manifestações psiconeuróticas; não-confiabilidade; tendência à mentira e insinceridade; falta de remorso ou vergonha; comportamento antissocial inadequadamente motivado; juízo empobrecido e falha em aprender com a experiência; egocentrismo patológico e incapacidade para amar; pobreza generalizada em termos de reações afetivas; perda específica de *insight*⁸; falta de reciprocidade nas relações interpessoais; comportamento fantasioso e não convidativo sob influência de álcool e às vezes sem tal influência; ameaças de suicídio raramente levadas a cabo; vida sexual impessoal, trivial e pobremente integrada; falha em seguir um plano de vida (Cleckley, 1988). Sobretudo, Vaugh & Howard (2005), ao avaliarem os apontamentos do psiquiatra citado, valorizam a importância de considerar a identificação desse transgressor verificando-se a presença de uma determinada quantidade desses qualificativos por parte de um especialista, não sendo necessária a constatação de todas.

Por diversas vezes em papéis que os camuflam socialmente, esses indivíduos flagiciosos conseguem criar uma fachada que torna quase impossível sua identificação, e, além do comportamento teatralizado construído em acordo à convenções culturais, possuem um poder linguístico de convencimento que contribui para o alcance de seus objetivos sórdidos de manipulação cruel (Silva, 2014). Apesar de o Transtorno de Personalidade Dissocial apresentar graus diversos, o desprezo pela vida humana é inerente à sua condição, sendo marcado por “falta de consciência, charme superficial, habilidades verbais elevadas, promiscuidade e falta de ligação interpessoal de longo prazo” (Raine, 2015, p. 18). Por tal razão, um sujeito comum, que age em acordo a seus desejos naturais, os quais contemplam paixão, afeto e emoções inerentes à espécie humana, tende a se distanciar da racionalidade extremada (Dawkins, 2007), e, por isso, dissemelha-se do psicopata, que é contruído em um egocentrismo excessivo, usando em elevado grau seu intelecto arguto para materializar sua satisfação, mesmo consciente de que ela contraria a moral e a lei (Raine, 2015).

Para compreender melhor como os psicopatas agem, Silva (2014) acentua que

⁸ Psicologia: compreensão ou solução de um problema pela súbita captação mental dos elementos e relações adequados (Oxford Languages).

importa ter em mente que, independentemente do grau do transtorno, todos são perigosos, apesar de existir uma fração minoritária – 2% – que carrega um nível de insensibilidade que chega a uma qualificação não humana, com condutas criminosas marcadas por uma sordidez despropositada e, até mesmo, inimaginável. Os registros apontam que esses, de uma periculosidade superior, podem agir com uma barbaridade absurda até para os padrões criminosos e, por esse motivo, são classificados pelos especialistas de severos (Vaugh; Howard, 2005). Chegando a desafiar a capacidade de entendimento e de aceitação da transgressão cometida, tais criminosos, por sua vez, não apresentam motivações aparentes, justificáveis ou que venham a guardar relação direta com situações pessoais ou sociais adversas, pois seus “motivos são fúteis”, e “qualquer coisa é pretexto para um crime” (Silva, 2014, p. 130).

Diante disso, Lindner (2003) constata que o psicopata seja, na verdade, um rebelde, um zeloso infrator dos códigos e padrões prevalentes, tendo por alvo o alcance de uma satisfação egoísta, sem qualquer pretensão de auxílio a outra pessoa que não seja ele mesmo. Seus esforços, sob qualquer que venha a ser o disfarce construído, representam investimentos destinados a saciar suas vontades e desejos imediatos (Lindner, 2003). Portanto, ainda que não seja considerada uma doença mental, essa transgressão é um transtorno de personalidade com elementos desviantes e emoções rasas, embasada em distúrbio, perturbação mental, aspecto antissocial e anormalidade do caráter, como se fossem incapazes de uma humanidade.

3. “A FERRAMENTA DE UM PREDADOR”⁹

A linguagem humana encontra-se atrelada ao contexto existencial da espécie, com sua evolução em conformidade aos demais componentes que a formam e condicionam (Saraiva, 2014). Como animal social, esse vivente construiu relações e deveres de acordo com o desejo, sentimento e necessidade que o desafiavam ou estimulavam em sua trajetória (Dawkins, 2007), utilizando, em sua relação contínua com o outro, uma comunicação funcional, como forma de dar sentido representativo às ações. As apurações de Saussure (1995) aquilatam que a linguagem possui duas dimensões, sendo uma individual e, outra, social, validando-se considerável às pesquisas que suas

⁹ Excerto do romance de Harris (1999, p. 48).

qualidades e especificações sejam separadas. Por seu turno, a linguagem individual caracteriza-se como a maneira que cada um utiliza a língua, como a pronúncia, tomando-se por escora o entendimento de que cada pessoa traz uma maneira específica de se expressar; a linguagem social, no que lhe concerne, é o registro linguístico oficial que um país utiliza, seu idioma (Saussure, 1995).

De acordo com Jakobson (1977), a linguagem foi uma ferramenta cujo objetivo precípua estava na interação social, manifestando pensamentos e desejos, expondo experiências e ensinamentos, para que o receptor da mensagem participasse e compreendesse o que havia na mente do interlocutor. A esse respeito, Rosa (2018) avalia que

Uma língua existe na mente/cérebro de cada falante, que, em situações normais, desenvolveu-a num período específico da vida a partir de uma dotação genética comum à espécie. Uma *língua* é, por conseguinte, o resultado da interação do *estágio inicial*, comum à espécie, com os dados do ambiente linguístico (...). (Rosa, 2018, p. 39 – grifos da autora).

Os estudos da linguística avaliam que a interferência do contexto é fundamental para o transcurso linguístico, o qual, assim, alcançará a competência comunicativa (Rosa, 2018). A partir da obtenção dessa capacidade interlocutiva, o falante passa da interação social – de intento básico – para propósitos mais ambiciosos, voltados a seu crescimento na coletividade, com desígnios persuasivos e manipulatórios. Sua natureza essencialmente aguerrida, com busca por poder e dominação (Dawkins, 2007), serve-se dessa forma dinâmica de intercurso como uma “prática de comunicação calculada e intencionada, a fim de chegar a um resultado específico” (Bellenger, 1987, p. 8).

Durante o ato da manipulação, é construído e traçado um caminho onde estratégias são habilmente empregadas para persuadir e influenciar, com o propósito de fazer com que o outro se encontre inspirado pelos argumentos apresentados (Cialdini, 2012) e, para tanto, faz-se necessário o arguto domínio da oratória. O psicólogo em apreço avalia que “quando uma autoridade legítima se pronuncia, o que normalmente faz sentido se torna irrelevante. Nesses casos, não consideramos a situação como um todo, mas reagimos a apenas um aspecto dela” (Cialdini, 2012, p. 216), ou seja, diante de um pronunciamento oriundo de personalidade superior, o comportamento comum é o da ação automaticamente submissa às palavras acatadas.

Conforme esclarece Cialdini (2012), um manipulador pode convencer por meio da adulação ou, ainda, persuadindo “sobretudo pela qualidade de seus argumentos” (Cialdini, 2012, p. 20), de modo a ‘hipnotizar’ os ouvintes e os convencer a tomar para si suas crenças. Uma das armas de persuasão muito utilizada por estadistas é a exaltação do patriotismo, colocada apenas como uma camuflagem para legitimar o real propósito de convencer a nação para a realização de guerras e o domínio agressivo sobre outros povos (Silva, 2014).

Apesar de o discernimento de certo e errado fazer parte inata do senso de moral humano, por haver uma capacidade cognitiva de “análise estratégica” (Silva, 2014, p. 151), há, ainda, uma competência para burlar essa moral ingênita e, assim, recondicionar as justificativas para determinados atos e decisões inadequadas. As guerras, por seu turno, talvez sejam o exemplo mais cruel dessa habilidade em ludibriar os próprios valores, afinal, para que um grupo enfrente o outro é necessária uma causa que seja aparentemente justa ou moralmente convincente, com uma liderança manipulando os princípios legais. A incitação para sobrepujar acaba por despertar os instintos humanos relacionados à luta pela sobrevivência (Dawkins, 2007), de modo a delinear o cenário adequado de aliciamento, onde uma guerra politicamente injusta remolda-se à imagem de conflito para o estabelecimento da justiça, maquiada em conformidade aos propósitos sórdidos do regedor (Silva, 2014).

Porém, importa avaliar que bajular e/ou impelir se aplicam tanto para com grupos quanto para com indivíduos específicos. Silva (2014) pontua que um psicopata, por sua vez, toma e aperfeiçoa técnicas de adulação e incitação para manter o outro sob fascínio, tornando, assim, mais fáceis a manipulação e o controle. Para tanto, e em concórdia às investigações psíquicas, os estudos científicos da linguagem apontam que a retórica, unida ao discurso de poder, é capaz de mudar, para o bem ou para o mal, a percepção dos receptores, convencendo-os de ideias que seriam precipuamente consideradas absurdas (Fairclough, 1989).

Em suma, a Análise Crítica do Discurso (ACD) denota a maneira como as práticas linguístico-discursivas estão sobrepostas com o sistema sociopolítico mais englobante de poder e dominação (Fairclough, 1989), sendo o discurso, por sua vez, uma atividade, e não apenas uma representação do mundo (Fairclough, 1995). De acordo com as inquirições do sociólogo em dileção, a comunicação recondiciona a significação da

sociedade, constituindo e construindo os sentidos e os conceitos, afinal, todo discurso é um elo na cadeia da comunicação, “constituído com partes de outros discursos” (Fairclough, 1995, p. 134). As apurações colocadas pela ACD planejam, entre outros objetivos, "aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação" (Fairclough, 1989, p. 1).

Sendo justamente na esfera discursiva que sucedem as disputas de poder, Fairclough (1989) avalia que a prática comunicativa intencionada hegemonicamente coopera para a constituição de todas as dimensões da estrutura social, que, direta ou indiretamente, enformam e delimitam suas próprias convenções e normas, como também relações e identidades que lhe são implícitas. O discurso evidencia as formas como os sujeitos marcam a história de uma sociedade, tendo em vista que “se constrói e é construído juntamente com o indivíduo, atilando-se com seus contatos sociais e sendo transmitido às próximas gerações, o que, de certo modo, estabelecerá a escaleta identitária do porvir” (Lopes; Silva, 2019, p. 99), vindo a apontar significações que explicam a estrutura social.

Dessa forma, percebe-se que o discurso é uma prática social do homem por meio do uso funcional da língua, (re)produzindo sentidos, o que lhe confere o predicado de poder (Foucault, 1996), tendo em vista sua influência nas transformações significativas. De acordo com Foucault (1996), em toda sociedade “a produção de discursos é controlada” (Foucault, 1996, p. 8), e tal constatação direciona à análise da relação apurada entre as práticas discursivas e as diversas formas de poder que as permeiam.

Ainda segundo o pesquisador, para explicar como as instituições praticam as formas de controle em relação à estruturação social, deve-se levar em conta que serão excluídos – em algum grau – aqueles que se posicionarem contrários à ordem vigente (Foucault, 1996). A avaliação de tal ocorrência de ab-rogação traz em destaque duas formas possíveis de ação, as quais intentam a permanência do controle comunicativo, a saber, os discursos externos e os internos (Foucault, 1996). Nesta pesquisa, importa caracterizar o primeiro, que se trata de uma forma de controle cujo sistema de exclusão pauta-se em procedimentos que impedem a interação linguística, embora o pensamento (discurso interno) permaneça, ou seja, o indivíduo pode até refletir criticamente, todavia,

não terá o direito de pronunciar suas ponderações (Lopes; Silva, 2019). Esse modo de interdição foi utilizado por governantes ditatoriais que intentavam controlar irrestritamente o povo que estava sob seu comando, fazendo uso, em suas conferências populares, de recursos persuasivos e impositivos de dominação, com oratórias de grande impacto e sem abertura para interdições com ideias contrárias, tendo em vista a “deferência automática” que seu posicionamento lhe outorgava (Cialdini, 2012, p. 217).

A história humana exhibe exemplos de diversos oradores cuja capacidade de discursar com autonomia e encantamento deslumbraram milhares de pessoas por horas, tais como: Jesus Cristo, Fidel Castro, Adolf Hitler, Padre Antônio Vieira, Martin Luther King, Nelson Mandela, Wilson Churchill. Todos esses foram grandes representantes de ideologias – quer sejam políticas, quer sejam religiosas –, carregando como característica comunicativa a capacidade de transmitir suas ideias de forma convincente, quer fossem para o bem comum, quer fossem para propósitos maléficos.

Dessa feita, importa memorar que notáveis lideranças políticas fizeram discursos célebres para atrair e manejar as grandes massas, valendo-se de uma linguagem social (Saussure, 1995) que toma as características culturais de seu contexto para a obtenção de uma conexão empática com os ouvintes, o que lhes abastece com aparatos poderosos de concepções ideológicas que podem, inclusive, constituir-lhes autonomia para uma manipulação com fins impiedosos e soberbos (Bellenger, 1987). Por esse turno, compreende-se o discurso como um recurso poderoso, o qual, por sua vez, pode ser arma de manipulação e controle quando operado com o fim de subjugar, e, por isso, constitui-se valioso artifício para sujeitos com transtorno de personalidade dissocial, como eficaz ferramenta predatória.

4. “ESTOU REALIZANDO A OBRA DE DEUS”¹⁰

No transcorrer da história da humanidade, várias personalidades utilizaram a linguagem com a finalidade de se expressar e/ou impor seus preceitos e, assim, imperar acima de muitos, ao ponto de terem senhorio sobre nações inteiras. Dentre tais vultos, esta pesquisa traz, para análise direcionada, Adolf Hitler, uma figura histórica que se afamou, dentre outros qualificativos, pelo de agir sob ideais desumanos, propagando uma

¹⁰ Palavras de Adolf Hitler, presentes em sua autobiografia (Hitler, 2005, p. 52).

intolerância racial com ações de extermínio. Sua capacidade de persuasão concedeu-lhe o alcance de milhões de alemães e, com isso, o regimento de um exército de adeptos aficcionados por sua imagem com fanatismo e dedicação (A Queda!..., 2005).

Considerado quase que unanimemente como uma das mais cruéis personalidades que grifaram a história do mundo, Hitler nasceu na Áustria, na cidade de Braunau am Inn, no dia 20 de abril de 1889, e se mudou para a Alemanha em 1913 (Hitler..., 1977). Apesar do grande desejo de ser pintor, foi reprovado no exame de admissão (Hitler, 2005), e tal frustração terminou por o direcionar à vida política, vindo a servir como líder do Partido Nazista, de 1934 até 1945 (Hitler..., 1977). Fora um persuasivo orador desde a mocidade, conforme expôs em sua autobiografia: “Eu creio que já nessa época meu talento verbal se adestrava nas discussões com os camaradas (...) eu me entusiasmava cada vez mais por tudo que, de qualquer modo, se relacionasse com guerra ou com a vida militar” (Hitler, 2005, p. 11).

Ao tentar organizar um golpe de estado em Munique, para tomar o poder, falha na tentativa, o que resulta em sua prisão; encarcerado, entra numa árdua depressão, e, somente por instigação insistente de seus colegas de cela, não comete suicídio (Hitler..., 1977). Tal tentativa em se eliminar diante de penosa frustração, reforça uma das características da psicopatia, listadas por Cleckley (1988), além de todas as demais que podem ser verificadas em sua própria narrativa e, igualmente, em seu comportamento destrutivo. Saindo da prisão, prossegue com suas tentativas de alcance de poder, vindo a se tornar Chanceler do Reich¹¹ em 1933 e *Führer*¹² da Alemanha Nazista em 1934, acumulando as duas posições até 1945 (Minha Luta, 1961). O tempo de sua gerência foi o suficiente para o fazer o principal propulsor da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a figura dirigente central do holocausto que dizimou mais de seis milhões de judeus (A QUEDA!..., 2005).

O documentário *Minha luta* (1961) aponta de que modo esse ditador, da Alemanha do início do século XX, recorreu à situação sociopolítica do país para respaldar e criar seu discurso de convencimento, de forma a moldar sua estética comunicativa em conferências de convencimento, com estímulos que instigavam seus ouvintes a cometerem atrocidades contra outros que compunham o próprio povo, porém, oriundos

¹¹ Em alemão, significa: império, reino.

¹² Em alemão, significa: condutor, líder, chefe, guia.

de uma crença distinta. Por meio de discursos bem preparados, Hitler conseguiu manipular um exército, em nome de uma nova edificação do país, de modo a assumir a importância decisiva para o soerguimento da Alemanha, sob o lema “Ninguém morrerá de fome ou de frio” (Hitler, 2010, p. 41), criado a fim de favorecer sua imagem. A confiança que lhe fora depositada teve por fabricante o próprio orador, que a arquitetou intencionalmente, moldando suas exposições orais de forma a demonstrar preocupação para com as dificuldades do povo, mas, na verdade, agravando a crise do país (Karshaw, 2008). Afinal, conforme declarava: “acredito agora que ajo de acordo com as prescrições do Criador onipotente. Lutando contra o judaísmo, estou realizando a obra de Deus” (Hitler, 2005, p. 52).

Arrimados nesse suscinto relato histórico sobre o afamado ditador, tomem-se, então, trechos retirados de uma de suas alocações, a fim de avaliar a presença de indícios que validem sua capacidade de eloquência. Dentre tantos, selecionou-se *A campanha de Socorro de Inverno*, que foi um discurso proferido em Berlim, em 1933, todavia, repetido no dia 3 de outubro de 1941, após a invasão à União Soviética. Um dos intuitos, além do de manter o ânimo dos alemães diante de um terrível inverno, estava o de os preparar para a guerra contra a Inglaterra, afinal, segundo ele, os britânicos eram os culpados, “no seu ódio cego, na sua loucura obstinada” (Hitler, 2010, p. 41).

Considere-se o primeiro excerto subtraído:

(TRECHO 1)

Eu nunca quis esta luta. Desde janeiro de 1933, data em que a Providência me confiou os destinos do Reich, enfrentei o objetivo esboçado no programa do Partido Nacional-Socialista. Nunca fui infiel a esse objetivo. Nunca abandonei o meu programa. Esforcei-me assim para operar a recuperação interna de um povo que, após uma guerra perdida por sua própria culpa, sofreu a queda mais profunda de toda a sua história. É, por si mesma, uma tarefa gigantesca. Comecei a concretizá-la no momento em que os outros fracassaram ou já não acreditavam na possibilidade de realizar um tal programa. O que nós cumprimos durante esses anos de pacífica recuperação permanece único nos anais da História. (Hitler, 2010, p. 42).

Expressões deíficas, de loquacidade passional, como “*a Providência me confiou os destinos do Reich*” (Hitler, 2010, p. 42), além de locuções que carregam características patrióticas, como “*enfrentei o objetivo esboçado*”, “*Nunca fui infiel a esse objetivo*”, “*Nunca abandonei o meu programa*” e “*Esforcei-me assim para operar a*

recuperação interna de um povo” (Hitler, 2010, p. 42), buscam legitimizar seu papel de dirigente, bem como reafirmar a necessidade de realização de guerra. São, assim, sentenças ostensivas, oriundas de uma mente que se acredita superior e destinada a grandes propósitos, ainda que perversos (Silva, 2014).

A constatação da psicopatia no ditador em apreço vem designada, também, em seu direcionamento comunicativo planejado, com um discurso pré-armado e intencionado ao convencimento de milhares de pessoas aos seus ideais, mesmo que tais transgridam a moral e ameacem a vida dos próprios apoiadores (Lindner, 2014). Táticas de engrandecimento tanto de si quanto dos envolvidos tendem a, ainda mais, imbuir os ouvintes de sua tarefa sublime, como “a bajulação excessiva e o cuidado para que se passe uma impressão de olhar ‘afetado’, chegando a ser pouco realista” (Silva, 2014, p. 175), constatados em “*uma tarefa gigantesca*” e “*O que nós cumprimos durante esses anos de pacífica recuperação permanece único nos anais da História*” (Hitler, 2010, p. 42).

O discurso avaliado ostenta outros traços do transtorno dissociado, arrolados por Cleckley (1988), como a tendência à mentira, a insinceridade e, para além disso, a tentativa de maximização de sua própria imagem, aproveitando um momento de fragilidade do povo em um período de crise. De tal modo, sua produção comunicativa verbosa tenciona favorecer sua imagem, a fim de que seja visto não apenas como um político, mas, além disso, consagrado como figura messiânica, com a finalidade de ser seguido em seus desejos sordidos (Vaugh; Howard, 2005).

A fim de ratificar a análise colocada, passe-se para a verificação de outro trecho:

(TRECHO 2)

Contudo, conseguimos pouco a pouco, ao longo de longos anos de trabalho pacífico, não apenas realizar a grande obra de reforma interna, mas ainda organizar a união da nação alemã – criando o Grande Reich Alemão – reconduzir milhões de cidadãos alemães ao seio da sua verdadeira pátria e, em seguida, oferecer ao povo alemão o peso do seu nome como fator de potência política. (Hitler, 2010, p. 43).

De acordo com os estudos de Saussure (1995), a linguagem individual, apesar de se caracterizar pela forma particularizada com que cada um utiliza a língua, também é marcada pela influência do meio contextual. Hitler, apesar de perverso, discursava falsamente, usando suas características linguísticas peculiares em acordo aos

acontecimentos políticos que seu país vivia, moldando uma capacidade comunicativa que transmitia a imagem egrégia de libertador, de salvador (Hitler..., 1977). Possuidor de um magnetismo pessoal, bem como de um entendimento a respeito de psicologia das multidões (Hitler, 2005), sabia como e o que falar para conquistar (Karshaw, 2008).

Segundo Foucault (1996), dentre as práticas discursivas e seus recursos, “concerne, sem dúvida, a parte do discurso que põe em jogo o desejo e o poder” (Foucault, 1996, p. 21), sendo esse procedimento de controle nomeado pelo pesquisador da linguagem de controle de discurso externo, uma vez que funciona como sistema de exclusão (Foucault, 1996). Ao excluir aqueles que vão contra a ordem vigente, por ele imposta, a prédica do ditador não deixa ao povo o intervalo para dúvida, o que melhor escamoteia suas intenções (Evans, 2016), por meio de expressões arrebatadoras, como “*reconduzir milhões de cidadãos alemães ao seio da sua verdadeira pátria*” e “*oferecer ao povo alemão o peso do seu nome como fator de potência política*” (Hitler, 2010, p. 43).

Importante considerar que um psicopata possui demasiada aptidão à direcionar a construção da linha de pensamento de seus interlocutores para um novo modo de visualização das circunstâncias, vindo a refundir significados de verdades que pareceriam indelévels. Transgredindo leis que balizam a moral de uma sociedade, líderes marcados por esse transtorno transgressor delineiam ideologias para que suas próprias vontades passem a ser verdades absolutas, conseguindo promover uma manipulação massiva (Bellenger, 1987). Hitler, por sua vez, tinha consciência da capacidade manipuladora que possuía, apesar de sua crueldade psicopática reger-se em crenças que realmente sustentava, conforme declara em sua autobiografia (Hitler, 2005), o que, para tanto, é ainda maior indicativo de sua disfunção mental (Raine, 2015).

Conforme esclarece Fairclough (1989), a linguagem contribui para a dominação de uma pessoa sobre outras e, dessa forma, coopera para que, por meio do discurso, sejam delimitadas suas próprias normas e convenções. Ainda de acordo com o sociólogo, a promoção de uma capacidade para reconstrução de mundo, ou, ao menos, uma parte do que se pretende que seja refeito, mediante a indução de novos significados, marca a força hegemônica que o domínio dos significados linguísticos propicia (Fairclough, 1995). Ao persuadir o povo a uma resignificação de país, “*criando o Grande Reich Alemão*” (Hitler, 2010, p. 43), o *Führer* instaura seus ideais impiedosos na

mente do povo, em nome da salvação da Alemanha, remodelando o “sistema de conhecimentos internalizados na mente/cérebro do falante-ouvinte” (ROSA, 2018, p. 18).

Para confirmação da análise feita até o momento, avalie-se o próximo e último excerto selecionado nesta pesquisa:

(TRECHO 3)

Durante esse tempo, consegui um certo número de aliados. [...] A tais povos, outros se juntaram, mas, infelizmente, não ao povo em que eu roguei mais durante a minha vida: o povo Inglês. Não que seja ao povo inglês, ele próprio, que caiba totalmente a responsabilidade dessa situação. Não, são apenas algumas pessoas que, no ódio cego, na sua loucura obstinada, sabotaram todas as tentativas de entendimento, secundadas por esse inimigo internacional do mundo inteiro, que nós conhecemos todos, a judaria internacional. (Hitler, 2010, p. 43).

A composição de linguagem individual (SAUSSURE, 1995), pautada em energia expressiva e demasiada capacidade de induzimento, fomenta uma postura discursiva de grande impacto e manipulação, capaz de persuadir milhões de pessoas (Cialdini, 2012). Pesquisas constatam que Hitler imitava maneirismos de líderes militares, a fim de impressionar soldados mais rasos (Hitler..., 1977), e no Congresso do Partido Nazista, ele adotou o seguinte credo: “Todos nós acreditamos, nesta terra, em Adolf Hitler, nosso Führer, e reconhecemos que o Nacional Socialismo é a única fé que pode trazer a salvação ao nosso país” (Langer, 2018, p. 34).

Ao analisar esse trecho, presente em *A campanha de Socorro de Inverno* (Hitler, 2010), é possível constatar mais uma das tentativas de Hitler na implantação de um pensamento direcionado em seus ouvintes, de modo a delinear quem devem ser os inimigos. Ao proclamar “*o inimigo internacional do mundo inteiro, que nós conhecemos todos, a judaria internacional*” (Hitler, 2010, p. 43), o ditador ainda uma vez mais explicita seu desprezo ao povo judeu, a respeito dos quais registrou: “senti náuseas ante o odor desses indivíduos (...) ao lado dessa imundície física, se descobrissem as nódoas morais, maior seria a repugnância” (Hitler, 2005, p. 46).

Para Bellenger (1987), a persuasão nada mais é que uma forma de

comunicação muito bem calculada e cheia de significados construídos para se chegar em um resultado específico. A esse respeito, Saraiva (2014) avaliou:

À medida que esse poder expressivo da linguagem se acentua e que grupos sociais mais numerosos passam a ser envolvidos, ocorre paulatinamente um enriquecimento das ideias, dos conceitos abstratos, ampliando-se o emprego das metáforas, impulsionadas pela acentuação do processo simbólico. Surgem as narrativas, a princípio sobre fatos ocorridos no mundo real, mas que depois podem se relacionar com o mundo da imaginação e dentro de uma moldura emocional cada vez mais rica. Nascem os mitos. (Saraiva, 2014, p. 483)

Conforme aclara a pesquisador, o crescimento da capacidade comunicativa fortalece a significação, (re)cria preceitos e chega ao ponto de interferir na imaginação, mesclando fatos com lendas. O ditador fabricou para o povo alemão o inimigo – os judeus – e o salvador – ele mesmo, de forma a desvelar em que se resulta a “(de)composição identitária de pessoas submetidas ao poder” e sendo possível “avaliar suas interferências na forma de interpretar e melhor compreender a realidade” (Lopes; Silva, 2019, p. 90).

Como já certificado, a manipulação é um caminho traçado com estratégias estudadas, para que as vítimas sejam persuadidas e influenciadas (Cialdini, 2012). Dawkins (2007) afirma que uma ideia irá se replicar e se firmar por meio da fala e da escrita, auxiliada por música e arte, mediante a “estabilidade e penetração no ambiente cultural”, pois “resulta do seu grande apelo psicológico” (Dawkins, 2007, p. 331). Dessa forma Hitler conseguiu conquistar o povo em um nível que poucos políticos conseguiram, afinal

Ele fazia até dez discursos em um só dia, sempre estudando e melhorando seu impacto sobre a audiência. Ele estudava fotos tiradas por seu fotógrafo Heinrich Hoffman, usava-as para aperfeiçoar suas poses e gestos. Uma combinação maníaca de intensidade e crueldade era clara. ‘Eu fiz discurso após discurso’, ele declarava. (Hitler..., 1977).

Em suas numerosas preleções, o *Führer* incriminava os judeus, nomeando-os “uma raça de parasitas” que existia com o propósito de subverter outros povos, sobretudo, o superior e melhor dentre todos: os arianos (Evans, 2016, p. 229). Com esmero desmedido, moldava suas elocuições, o que atesta que não é possível “omitir a questão crucial da relação entre a estrutura dos constituintes do código verbal e sua frequência relativa tanto no código como no uso que dele se faz” (Jakobson, 1977, p. 84).

Dessa feita, avalia-se que Hitler, por habilidade natural, por indução de sua psicopatia e/ou por empenho esmerado, determinou-se a usar a linguagem enquanto arma de persuasão, com objetivo de direcionar o ódio de um povo inteiro contra seus iguais e de erguer para si a imagem de redentor, destruindo a democracia pelo uso pervertido dos próprios meios democráticos. Convencido de uma missão consagrada, fez da sua língua uma arma de condenação, de suas palavras um arroio pútrido que levou uma nação inteira ao naufrágio, atestando a capacidade de induzimento que gestos e palavras devidamente arranjados podem provocar, afinal, “Não se ganha a vitória pelejando com armas fracas!” (Hitler, 2005, p. 271).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa partiu da apresentação da definição do termo psicopatia, de modo a apontar as características e a nomenclatura científica para um desarranjo cognitivo que induz a comportamentos tão contraventores. Apesar de Dawkins (2007) afirmar que pensamentos e ações transgressores fazem parte da constituição humana, Raine (2015), como todos os demais pesquisadores dessa área, constatou que aqueles que nascem com o Transtorno de Personalidade Dissocial possuem um nível de crueldade incomum, indo contra os princípios e a legalidade estabelecidos de modo intenso e até inimaginável.

Uma vez que, desde as primeiras histórias relatadas no mundo, o que foi constituído como moralmente ‘mau’ pelo homem sempre permeou os valores colocados e valorizados, importa avaliar quando uma percepção de integridade é violada coletivamente por indução linguística de algum governante. Dessa feita, esta investigação seguiu com estudos a respeito da persuasão comunicativa, uma vez que a linguagem contribui imensamente para a dominação de um povo (Fairclough, 1989, p.1). Se utilizada arditamente por um dirigente de constituição psicopática, torna-se uma arma poderosa, de modo a angariar ao emissor o domínio sobre suas vítimas e, ainda, incitar ações desumanas por aqueles que não possuem, a princípio, uma disfunção mental.

Essas ânsias que se delineiam em desacordo às leis prescritas socialmente, mesmo que estejam presentes, em algum grau, na mente coletiva, são normalmente refreadas por regulamentos que buscam a prática civilizatória. Por isso, ainda que sejam

uma herança da espécie humana, como Dawkins (2007) comprova, submetem-se à moralização necessária ao convívio em comunidade, afinal, podem e devem ser controladas. Diante de sentimentos e emoções que constroem a psiquê humana, como respeito, compaixão, empatia, culpa e remorso, a ausência completa deles fere o sistema relacional necessário ao convívio, pois ultrapassam os limites estabelecidos e, por isso, importa que os sujeitos tracejados por tais ausências sejam avaliados.

Adolf Hitler, que foi colocado nesta perquirição como objeto investigativo, foi um líder alemão que, além de possuir o Transtorno de Personalidade Dissocial, fez uso de sua habilidade linguística para cometer e induzir milhares de outros a ações abomináveis. A ausência de determinados sentimentos humanos caracterizou-o como um psicopata, marcando-o pela afirmação da verdade absoluta na busca de seus ideais, mesmo que resultassem em atitudes de extrema crueldade, e, ainda, induzindo uma nação inteira a seguir suas ordens impiedosas. Com uma habilidade comunicativa acima do que é considerado comum, usou de sua capacidade persuasiva em prédicas políticas e convenceu o povo alemão a cometer atrocidades inclementes, o que o marca como um incentivador de assassinatos brutais. Propagando intolerância em nome de ilusões que criava com enunciados passionais, moldava nos ouvintes a ilusão da verdade e os fascinava, de modo a reforçar o patriotismo desejado.

Diante disso, avaliou-se que sua postura, gesticulação e escolha vocabular balizaram uma construção comunicativa convincente, diante das multidões, fazendo com que a manipulação obtivesse sucesso, de forma a fazer parecer que seus ideais fossem o único caminho possível. Apura-se que a capacidade discursiva de Hitler elevou-o, tornou-o uma lenda, deu-lhe uma roupagem de herói e salvador. Sua psicopatia auxiliou as alocuções e, assim, difundiu suas intenções atrozes na mente do povo que o ouvia, com fé e esperança em um paladino deífico, sendo que, na verdade, estavam sendo guiados por um cavaleiro de alma escura.

6. REFERÊNCIAS

A QUEDA! *As últimas horas de Hitler*. Direção: Oliver Hirschbiegel. Munique/Alemanha: Constantin Films, 2005. 1 DVD (155 min), letterbox, color.

ALVES, C. *Espumas Flutuantes*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1913.

- ANDRADE, C. D. *Sentimento de mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AZEVEDO, M. A. A. de. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Ática, 2000.
- BELLENGER, L. *A persuasão e suas técnicas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- CIALDINI, R. B. *As armas da persuasão*. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.
- CLECKLEY, H. M. *The Mask of Sanity: An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality*. Fifth Edition. Augusta, Georgia: Emily S. Cleckley, 1988.
- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- EVANS, R. J. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Planeta, 2016.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. Harlow: Longman Group UK Limited, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis*. Harlow: Longman Group UK Limited, 1995.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
Record, 1999.
- HARRIS, T. *Hannibal*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HITLER, A. A campanha de Socorro de Inverno. *In: Discursos que mudaram o mundo*: vários autores. A Coleção Folha Livros que Mudaram o Mundo. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- HITLER, A. *Minha Luta – Parte I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- HITLER, uma carreira. Direção: Christian Herrendoerfer e Joachim Fest. Alemanha: Werner Rieb, 1977. Netflix (190 min), color.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- KANT, I. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Ed. Bilingue.
- KARSHAW, I. *Hitler: a biography*. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2008.
- LANGER, W. C. *A mente de Adolf Hitler: o relatório secreto que investigou a psique do líder da Alemanha nazista*. Rio de Janeiro: Leya, 2018.
- LINDNER, R. M. *Rebel without a cause: the story of a criminal psychopath*. New

York: Other Press LLC, 2014.

LOPES, V. F.; SILVA, D. E. G. da. Discurso e pobreza na ausência de escolhas: a voz feminina de identidades perdidas. In: SILVA, D. E. G. da. (org.). *Práticas semiótico-discursivas – texto e imagem na (re)construção de identidades*. Brasília, DF: Thesaurus, 2019.

MINHA LUTA. Direção: Erwin Leiser. Manaus: Sonopress, 1961. 1 DVD (117 min), fullscreen, preto e branco.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

OXFORD LANGUAGES. Disponível em: <https://languages.oup.com>. Acesso em 21 de jan. de 2022.

RAINE, A. *A anatomia da violência: as raízes biológicas da criminalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2015.

ROSA, M. C. *Introdução à (bio)linguística: língua e mente*. São Paulo: Contexto, 2018.

SARAIVA, P. E. S. *Cérebro, evolução e linguagem*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHECHTLER, H. *Serial killers, anatomia do mal*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2013.

SILVA, A. B. B. *Mentes perigosas: o psicopata mora ao lado*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2014.

VAUGH, M. G.; HOWARD, M. O. *The construct of psychopathy and its potential contribution to the study of serious, violent, and chronic youth offending*. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 3(3), 235-252, 2005.

Recebido em 15/10/2023

Aceito em 15/10/2023

Publicado em 26/01/2024